Mares
Revista de Geografia e Etnociências

Volume 1, Número 1, 2019

ARTIGOS CIENTÍFICOS

DESCAMINHOS DA ESCOLA: TRAJETÓRIA DE VIDA DAS MULHERES TRABALHADORAS DA PESCA E OS DESAFIOS PARA INCLUSÃO ESCOLAR

SCHOOL DEADLINES: VIDEO PATH OF FISHING WORKERS AND THE CHALLENGES FOR SCHOOL INCLUSION

DESCAMINOS DE LE LA ESCUELA: TRAYECTORIA DE VIDA DE MUJERES TRABAJADORAS DE LA PESCA Y LOS DESAFÍOS PARA LA INCLUSIÓN ESCOLAR

LOPES, Mariana Sena

AMARAL, Nayara Felicíssimo

HUGUENIN, Fernanda Pacheco

BELO, Diego Carvalhar

SOUZA, Suelen Ribeiro de

RESUMO

Este artigo tem por objetivo apresentar, a partir dos relatos de mulheres presentes na cadeia produtiva da pesca artesanal nos municípios de Campos dos Goytacazes e São João da Barra, ambos situados no Norte Fluminense, as motivações que resultam na evasão escolar e consequentemente na baixa escolaridade destas trabalhadoras. A metodologia empregada consistiu na realização de oitenta (80) entrevistas semiestruturadas nas comunidades pesqueiras dos municípios estudados. Essas mulheres possuem diversas e importantes funções desde a pré à pós captura na atividade pesqueira, que compõem juntamente com as tarefas domésticas e o cuidado com seus familiares (crianças e idosos) o quadro de múltiplas jornadas de trabalho. Concluímos que a divisão sexual do trabalho; a ausência de políticas públicas; e o desestímulo familiar e/ou pedagógico influenciaram diretamente na evasão escolar das trabalhadoras da pesca, bem como incidem diretamente no interesse para retorno.

Palavras-Chave: Mulheres na Pesca. Gênero. Escolaridade.

ABSTRACT

This article aims to present, from the reports of women present in the artisanal fishing production chain in the municipalities of Campos dos Goytacazes and São João da Barra, both located in North Fluminense, the motivations that result in dropping out and, consequently, low schooling. of these workers. The methodology employed consisted of eighty (80) semi-structured interviews in the fishing communities of the studied municipalities. These women have several important functions from pre-post capture in fishing activity, which together with household chores and care for their families (children and the elderly), the framework of multiple working hours. We conclude that the sexual division of labor; the absence of public policies; and family and / or pedagogical discouragement directly influenced the dropout of fishery workers, as well as directly affecting the interest in return.

Keywords: Women in fishing. Genre. Schooling.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo presentar, a partir de registros realizados con mujeres que trabajan en la cadena de producción pesquera artesanal en las ciudades de Campos dos Goytacazes y São João da Barra, ambos ubicados en la región norte del Estado do Rio de Janeiro, las motivaciones que resultaron en abandono escolar y, en consecuencia, bajos niveles de educación de las mismas. La metodología empleada consistió en ochenta (80) entrevistas semiestructuradas en las comunidades pesqueras de los municipios estudiados. Estas mujeres ocupan varias funciones importantes en la actividad pesquera, sumadas a las tareas domésticas y al cuidado de sus familias (niños y ancianos), en el marco de múltiples horas de trabajo. Concluimos que la división sexual del trabajo, la ausencia de políticas públicas y el desánimo

familiar y / o pedagógico influyeron directamente sobre la deserción escolar de estas trabajadoras de la pesca artesanal, afectando directamente el interés por el retorno a la escuela.

Palabras clave: Mujeres en la pesca; Género; Escolaridad

INTRODUÇÃO

As mulheres sempre estiveram presentes na cadeia produtiva da pesca e possuem papéis de grande importância desde as atividades de pré às atividades de pós captura do pescado, além de atuarem como pescadoras. Desde meninas, aprendem as artes da pesca com familiares, uma vez que esses saberes estão há gerações dentro das famílias tradicionais pesqueiras. Porém, seu trabalho nem sempre é reconhecido com a devida importância e prestígio. As mulheres sofrem pela invisibilidade que, em muitos casos, torna imperceptíveis as atividades desenvolvidas, vistas apenas como uma "ajuda" ao trabalho dos outros familiares (companheiro, pai, irmão) e não como um trabalho produtivo que precisa ser remunerado adequadamente ou mesmo o reconhecimento profissional legal para a garantia de direitos sociais como, por exemplo, a aposentadoria e o seguro defeso.

De acordo com Silva (2013, p. 37), com base nos dados do Boletim Geral da Atividade Pesqueira, de 2012, desenvolvido pelo antigo Ministério da Pesca e Aquicultura, o Brasil possui um total de 1.041.967 pescadores artesanais formalmente cadastrados no Registro Geral de Pesca (RGP), sendo que deste total, cerca de 41% são mulheres[1]. Nota-se que há uma significativa participação feminina na atividade pesqueira, em âmbito nacional, tendo a região Nordeste como a que possui a maior representatividade de mulheres inseridas nesta atividade (SILVA, 2013). Vale mencionar ainda que a participação feminina na pesca artesanal aumentou se compararmos os dados de 2012 do Boletim Geral da Atividade Pesqueira com a versão do ano anterior, cujo universo de mulheres na pesca era de 34,9% do total de pescadores. De forma complementar, o estudo de Alencar e Maia (2011) revela o baixo índice de escolarização entre pescadoras/es em todo o país, com alta porcentagem de analfabetos.

Diante disso, este trabalho tem como objetivo apresentar, a partir dos relatos de mulheres atuantes na cadeia produtiva da pesca artesanal nos municípios de Campos dos Goytacazes e São João da Barra, ambos situados no Norte Fluminense, as motivações que resultam na evasão escolar[2] e consequentemente na baixa escolaridade destas trabalhadoras. Ao longo da pesquisa identificamos três categorias por elas apontadas que justificam a desistência escolar e desmotivação para o reingresso, a saber: 1) divisão sexual do trabalho; 2) ausência de políticas públicas; 3) desestímulo familiar e/ou pedagógico.

Isto posto, este artigo é um desdobramento do Projeto de Pesquisa "Mulheres na Pesca: mapa de conflitos socioambientais em municípios do Norte Fluminense e das baixadas litorâneas"[3], desenvolvido por equipe multidisciplinar no âmbito da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF), pelo Programa de Pós-Graduação em Políticas Sociais, no período de 2017 a 2019. O Projeto Mulheres na Pesca visou identificar e apresentar em forma de cartografia os conflitos socioambientais vivenciados diretamente pelas mulheres trabalhadoras da cadeia produtiva da pesca artesanal e/ou os problemas vistos a partir da perspectiva feminina[4].

---

[1] A indicação das/os pescadoras/es registradas, no estudo, se refere aos profissionais cadastrados no Registro Geral da Atividade Pesqueira (RGP), que em sua maioria estão inseridas/os na etapa da captura do pescado.

[2] "Por evasão, no sentido mais simplista do termo, compreende-se o ato de evadir-se, fugir, abandonar; sair, desistir; não permanecer em algum lugar. Quando se trata de evasão escolar, entende-se a fuga ou abandono da escola em função da realização de outra atividade." (RIFFEL; MALACARNE, 2011, p. 1).

[3] A realização do Projeto Mulheres na Pesca é uma medida compensatória estabelecida pelo Termo de Ajustamento de Conduta de responsabilidade da empresa Chevron, conduzida pelo Ministério Público Federal – MPF/RJ, com implementação do Fundo Brasileiro para a Biodiversidade – Funbio.

[4] Para maiores informações acerca do projeto Mulheres na Pesca, vide o site https://www.mulheresnapesca.uenf.br

METODOLOGIA

Este trabalho é uma pesquisa de cunho qualitativo, que se vale de material bibliográfico e de campo gerado pelo Projeto Mulheres na Pesca. As entrevistas realizadas com 80 mulheres dos municípios de Campos dos Goytacazes e São João da Barra seguiram um roteiro semiestruturado de questões multifacetadas, que versam sobre diferentes aspectos da participação das mulheres na atividade produtiva da pesca artesanal, incluindo questionamentos acerca da educação, que privilegiamos para construção dos resultados desse artigo.

Cabe ressaltar que para a pesquisa de campo foi pré-estabelecido um roteiro único de perguntas, aplicado a todos os municípios estudados pelo projeto Mulheres na Pesca. No entanto, cada pesquisador incluía, durante a realização das entrevistas, questões de interesse próprio, que orientam as suas pesquisas particulares. Sendo assim, utilizamos como elementos norteadores para esta pesquisa as seguintes perguntas, que não estavam no roteiro pré-estabelecido: 1) Até que ano/série as mulheres estudaram; 2) Por qual(is) motivo(s) elas abandonaram a escola; 3) Se há algum interesse delas em retornarem à escola; 4) Qual a motivação para este retorno; 5) E se elas haviam realizado algum curso de formação acadêmica e/ou aperfeiçoamento profissional.

Isto posto, a escolha da referida área de estudo se justifica primeiramente pela importância econômica e histórica da pesca artesanal no Brasil e em particular na região Fluminense (SILVA, 2015). A nossa participação como integrantes responsáveis pela pesquisa de campo nestes dois municípios (Figura 1), no âmbito do Projeto Mulheres na Pesca. Ademais, privilegiamos a temática da educação, posto que duas das integrantes da equipe estão desenvolvendo uma análise dessa problemática em seus trabalhos de conclusão do curso de Pedagogia.

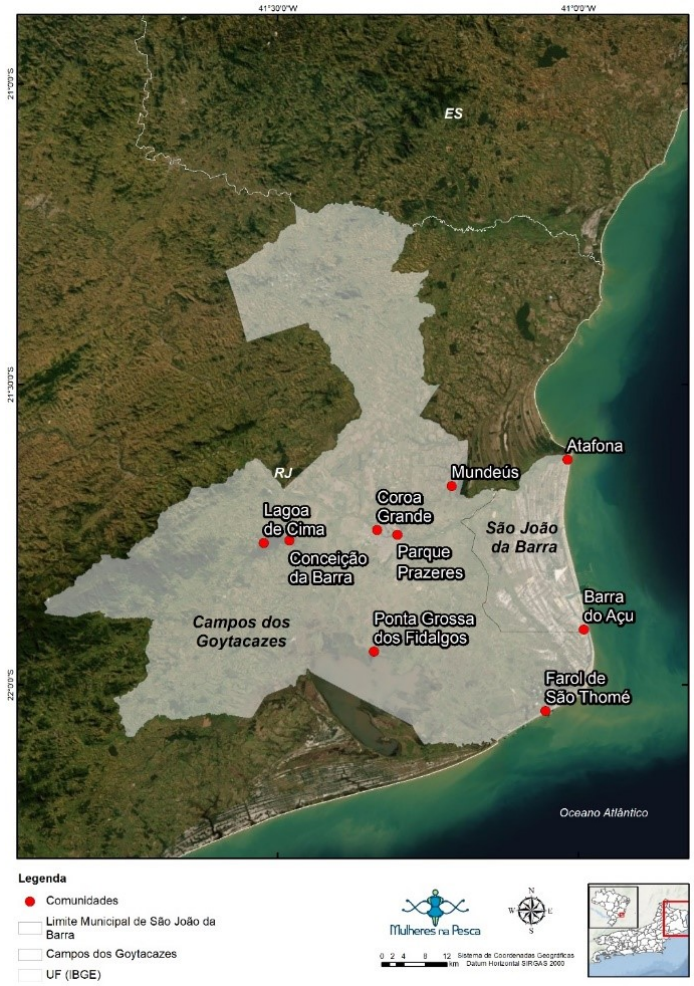

Figura 1: Mapa ilustrativo das comunidades pesqueiras estudadas

Fonte: Elaboração dos autores a partir de dados do IBGE, ANP e levantamentos de campo, utilizando o QGIS.

Nas comunidades pesquisadas nos dois municípios a pesca artesanal se caracteriza como principal atividade econômica da população. Em Campos dos Goytacazes, Ponta Grossa dos Fidalgos, Conceição da Barra, Lagoa de Cima, Mundeús e Farol de São Thomé se localizam fora do espaço urbano, enquanto Parque Prazeres e Coroa Grande ficam situadas no centro da cidade. Já em São João da Barra, Atafona e Barra do Açu estão situadas na zona rural do município, concentrando as atividades pesqueiras marítima e lagunar.

ANÁLISE DOS DADOS

Por educação formal, entendemos a ênfase na linguagem e no simbólico. Ela é generalizável, padronizada e acadêmica, o que permite que seja "aplicável numa variedade de contextos". Por outro lado, a educação possui também um aspecto não formal, que se contrapõe ao formal pela "liberdade na seleção de conteúdos e metodologias [que] amplia as possibilidades de interdisciplinaridade e contextualização", possibilitando e facilitando o uso de recursos locais e situações específicas a um determinado grupo. (MARQUES; FREITAS, 2017, p. 1098). Neste sentido, apontamos para a divisão classificatória entre três diferentes tipos de educação, a saber: formal, não formal e informal. Enquanto a educação formal se caracteriza pela regulamentação estatal para a oferta de cursos regulares que garantem certificação, a educação não formal pode ser relativamente dispensada de exigências institucionais para atender as necessidades locais como, por exemplo, a realização de cursos dirigidos a profissionais autônomos. Já a educação informal é aquela própria do processo de socialização dos indivíduos ao longo das suas vidas.

Em termos de escolaridade formal, já é comprovado por estudos populacionais que as mulheres, em caráter geral, possuem um grau de escolarização mais elevado que os homens (ALVES, 2016; ALTOÉ, 2017). Esta constatação é igualmente observada no âmbito da pesca artesanal dos municípios em análise, segundo dados produzidos pelo Projeto de Educação Ambiental Pescarte, entre os anos de 2015 e 2016, como podemos verificar na tabela 1.

Tabela 1: Grau de escolaridade por sexo dos/as pescadoras/es dos municípios de Campos dos Goytacazes e São João da Barra

Grau de escolaridade	Campos dos Goytacazes		São João da Barra	
	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino
Analfabeto	6,9%	12,1%	9,7%	15,3%
Nunca estudou, mas sabe ler e escrever	2,0%	2,4%	4,8%	4,3%
Ensino fundamental incompleto	60,2%	62,4%	41,9%	63,2%
Ensino fundamental completo	6,6%	7,9%	9,7%	5,3%
Ensino médio incompleto	10,9%	4,2%	17,7%	5,7%
Ensino médio completo	13,3%	10,3%	12,9%	5,7%
Ensino superior incompleto	0,0%	0,0%	1,6%	0,5%
Ensino superior completo	0,4%	0,6%	1,6%	0,0%

Fonte: Elaboração dos autores com base nos dados do PEA Pescarte (2015).

Embora os dados revelem um cenário de baixa escolaridade do grupo social da pesca artesanal, as mulheres demonstram uma performance escolar melhor que a dos homens, como mostra os dados da tabela 1. Deste modo, podemos observar que o quantitativo de homens analfabetos, apenas letrados ou com o ensino fundamental incompleto é maior do que o de mulheres, nos dois municípios analisados. Por outro lado, a proporção de mulheres que completam os graus escolares é maior que a dos homens, revelando que elas, apesar da falta de incentivo familiar, da precocidade do casamento e da maternidade e das relações de poder patriarcal que naturalizaram o espaço privado como feminino, demonstram uma persistência em permanecer na vida escolar mais do que os homens.

Além de resistirem mais tempo na vida escolar, as mulheres, no âmbito geral, são mais obstinadas a um possível retorno à sala de aula do que o público masculino (LEMOS, 2016), ainda que uma série de fatores estejam atuando na forma de contra incentivos, como a múltipla jornada de trabalho, a ausência de políticas públicas e as relações de poder no interior das famílias que pautam as possibilidades e escolhas das mulheres,

bem como outros fatores que discutiremos no decorrer deste artigo.

Ao longo do tempo em que estivemos próximos das mulheres entrevistadas pudemos perceber que muitas delas acabam optando pela educação não formal como forma de garantia de uma complementação de renda a curto prazo para contribuição no sustento da casa/família, como por exemplo, o ingresso nos cursos de formação e profissionalização, por exemplo, cursos de culinária, confeitaria e artesanato, além de cursos dirigidos ao processamento e beneficiamento do pescado. É importante destacar que apesar da baixa escolarização formal, as mulheres da pesca possuem os saberes que estão dentro da dita educação informal. Estes saberes são aprendidos ao longo de suas vidas e passados de geração em geração. São aprendidos nos processos de socialização, onde os significados são intrínsecos ao contexto (MARQUES; FREITAS, 2017). A exemplo, o descasque de camarão presente entre as "marisqueiras " da comunidade de Farol de São Thomé e Atafona, a limpeza e a filetagem do peixe ou até mesmo a confecção de esteiras de taboa feita na comunidade de Barra do Açu, em São João da Barra.

Assim sendo, reunimos no Quadro 1 as categorias e as subcategorias, identificadas no campo, referentes às motivações para o abandono da vida escolar.

Quadro 1: Síntese das categorias e subcategorias de análise discutidas, neste artigo

Divisão Sexual do Trabalho	Múltipla jornada de trabalho
	Casamento e gravidez precoce
Ausência de Políticas Públicas	Falta de oferta de educação formal
	Falta de transporte escolar
Desestímulo	Familiar
	Pedagógico

Fonte: elaboração das/os autoras/es.

A seguir apresentamos os relatos das mulheres inseridas na atividade pesqueira no âmbito das categorias e subcategorias, buscando destacar suas motivações para a desistência de continuidade no ensino formal e possibilidade de reingresso.

Divisão Sexual do Trabalho

Há muitas mulheres que ainda hoje vivem em situação de subordinação diante de uma cultura patriarcal enraizada, que se manifesta de maneira ainda mais intensa dentro das comunidades tradicionais de pesca. Isso acontece no ambiente doméstico e até nos espaços de trabalho. A invisibilidade, que limita o acesso aos direitos sociais como, por exemplo, a previdência e o seguro desemprego, conhecido como seguro defeso, é um fato vivenciado por grande parte das mulheres da pesca, que, devido a essas circunstâncias, acabam naturalizando episódios diários de discriminação. Acerca disso, afirma Lia Faria (2014, p. 21), "historicamente as mulheres nem sempre identificaram os comportamentos masculino e feminino como criações culturais. [...]. Assim, aprendemos a ser homens e mulheres e a aceitar como naturais as relações de poder entre os sexos".

Segundo Lemos (2016), em estudo sobre a comunidade de Atafona, há na cadeia da pesca uma clara divisão dos papéis designados às mulheres e aos homens no âmbito da unidade familiar, que segmenta as tarefas a partir do gênero, estabelecendo o cuidado da casa e dos filhos, assim como o processamento de camarão, como trabalho feminino, enquanto a captura no mar é realizada pelo público masculino.

Durante o processo de entrevistas, foi possível, no âmbito de nossa pesquisa, identificar que poucas mulheres possuem o Registro Profissional da Pesca Artesanal (RGP), que garante acesso a direitos. Isso ocorre devido a funções diferenciadas de homens e mulheres nas atividades da pesca artesanal. O trabalho desenvolvido pela mulher na pesca, em grande parte, é realizado o mais próximo possível de sua casa para que ela consiga dar conta também dos afazeres domésticos. Isso implica em desenvolver atividades que não estão ligadas a captura propriamente dita do pescado no mar ou em áreas continentais (WOORTMANN, 1992). Uma

descascadora de camarão nos relatou o seguinte a respeito do aspecto da documentação e dos direitos igualitários entre homens e mulheres na pesca:

> [...] eles são pescador, a gente não pesca. [...] eu não pesco para querer ter direito de receber, eles têm o direito de receber porque eles pescam, agora eu não. A gente só limpa mesmo camarão e eles nunca deram o direito a gente, eles falam que não tem essa lei (V.D.G; DESCASCADORA DE CAMARÃO, ATAFONA, SJB).

Na luta pela sobrevivência numa profissão estereotipada como masculina, as mulheres acabam se posicionando sempre à sombra dos papéis masculinos de seus maridos e parentes. A invisibilidade feminina perpassa os anos e contribui no papel identitário das mulheres diante da comunidade. Segundo Alencar (1993), há um "modelo bipolar de divisão sócio-espacial e do trabalho" nas comunidades pesqueiras, havendo um reforço da distinção das atividades que se dão através dos espaços e do gênero de quem as realiza. "Nas sociedades pesqueiras, o modelo de divisão sexual do trabalho que tem sido utilizado e generalizado, tem reificado a "invisibilidade" do trabalho da mulher na pesca" (ALENCAR, 1993, p. 68). No entanto, nos últimos anos, elas têm buscado compreender seu papel e lutar pelos seus direitos que aos poucos vem sendo conquistados.

> O que representa uma mudança de paradigma em relação a imagem criada historicamente das pescadoras, que geralmente é compartilhada inclusive por elas mesmas, como "ajudantes" ou "dependentes, atribuindo-lhes menor valor, considerando que as atividades por elas realizadas se resumem na maioria das vezes em tecer redes, beneficiar pescado, catar mariscos, coletar e cultivar algas e pescar nos mangues. Assim, o movimento de pescadoras tenta romper com o espaço da mulher na pesca que ainda aponta para a invisibilidade e vulnerabilidade social. Vale ressaltar que ainda hoje as Colônias são presididas em sua maioria por homens e a pesada rotina das pescadoras vinculada à maré e à família dificulta sua integração em outros movimentos onde também predomina a liderança masculina (LIMA; LEITÃO, 2012, p. 5).

Assim, Joan Scott (1989) define gênero para designar as relações sociais entre os sexos, caracterizando as relações de poder, fator que pode ser também identificado no ambiente pesqueiro.

> O gênero se torna, aliás, uma maneira de indicar as "construções sociais" – a criação inteiramente social das ideais sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres. É uma maneira de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres. O gênero é, segundo essa definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado. Com a proliferação dos estudos do sexo e da sexualidade, o gênero se tornou uma palavra particularmente útil, porque ele oferece um meio de distinguir a prática sexual dos papéis atribuídos às mulheres e aos homens. (SCOTT, 1989, p. 7).

Dentro de comunidades tradicionais, sobretudo as da pesca artesanal, estes papéis atribuídos a homens e mulheres são ainda mais marcantes. Porém, apesar do estado de submissão e desvantagem vividos por muitas mulheres durante anos, hoje, elas encontram-se em uma condição mais vantajosa em relação aos homens quando o assunto é educação, por exemplo. Nesse aspecto, as mulheres mostram-se mais motivadas e dedicadas que os homens. Talvez essa tenha sido uma das formas encontradas por elas para obter um certo empoderamento (LEITÃO, LIMA; FURTADO, 2009).

No entanto, estas mulheres encontram barreiras que inviabilizam a sua permanência no ensino formal, forçando a sua desistência ou em condições mais favoráveis a conclusão tardia. Levando em conta este aspecto, no Quadro 2 apresentamos algumas justificativas elencadas pelas mulheres entrevistadas que influíram na não conclusão do ensino formal ou na sua conclusão tardia que estão relacionadas a fatores tais como a múltipla jornada de trabalho, o casamento e gravidez precoce.

Quadro 2: Justificativas para a não continuidade na educação formal

Estudei só até a 7° [série] e depois casei. [Na] correria de fazer as coisas em casa, desanimei e não estudei mais. Eu não gostava de estudar de noite não, gostava de estudar de dia. [...] Aí depois não quis mais não. [Na] correria de limpar camarão que é sempre [...] de manhã e a escola é de manhã, aí eu parei. (V.D. G; descascadora de camarão, Atafona, SJB).
Mas antigamente eu dividia casa, estudo e o curso... e o trabalho." (A.G.R; filetadora de pesca e atual participante do PEA - Pescarte, Açu, SJB).
Oh, minha dificuldade é que chegavam trabalhava até tarde, limpando camarão. [..] quando vinha de pesca [captura] trabalhava [processando o peixe]. Aí tinha que deixar tudo meio caminho andado para ir pra escola seis horas e é aquela correria. Aí tinha janta, tinha filho para deixar pra tomar banho, essas coisas tudinho (A.G.R da S; pescadora, Atafona, SJB).
É... difícil porque as vezes a gente se enrola toda porque a gente fica o dia todinho ali [limpando camarão]. Aí vem filho, às vezes, aí vem marido quando tá em casa, aí vem casa, vem roupa [...] é muita coisa (A.R.B e S.D.G; descascadoras de camarão, Atafona, SJB).
Eu engravidei. Eu preferi seguir minha vida com meu filho e depois voltei. Terminei em 2016. Fiz o ensino médio, tenho técnico em farmácia (A.G.R; filetadora de pescado e atual participante do PEA - Pescarte, Açu, SJB).
Eu engravidei. Eu tinha 17 anos quando eu tive o meu primeiro. Aí eu parei de estudar, aí não voltei mais, não (K.F.C, Farol de São Tomé, CG).
Eu estudei até a oitava [...]depois que você pega uns filhinhos... fica difícil continuar os estudos (J.F.A, Lagoa de Cima, CG).
Eu parei porque minha mãe adoeceu nessa época... então não deu pra mim estudar... porque eu trabalhava em roça... entendeu... aí meu pai também adoeceu... aí a gente trabalhava... eu e meus irmãos... eu tenho cinco irmãos... aí a gente trabalhava e ia pra roça... aí não deu pra cumprir tudo que a gente queria né... terminar os estudos... se formar... entendeu... e bem que eu queria começar tudo de novo... mas não teve como (J.D.X, Imbé, CG).
É, casei cedo, aí [parei] (M.P.C, Santa Ana, CG).
A dificuldade também e ter que trabalhar também. Porque logo assim eu engravidei dele, né? Aí, tive que parar os estudos. *[em relação ao reingresso] desanima porque não tem tempo. Também... com criança... não tenho vontade, não (N.C.P, Parque Prazeres, CG).*
Eu tive oportunidade [de estudar]. Estudei até a sexta série, mas depois casei. Casei muito nova. Aí não quis mais voltar a estudar. Aí, por isso que eu não segui [a vida escolar] (R.A.M, Farol de São Tomé, CG).
Eu parei porque engravidei da menina minha. Aí na época era muita coisa... o povo ficava rindo de mim... aí eu fiquei com uma vergonha... aí parei... depois que eu tive ela, nunca mais consegui voltar

Fonte: elaboração das/os autoras/es.

Assim, a divisão sexual do trabalho com todos os seus desdobramentos quanto à múltipla jornada de trabalho, incluindo as atividades de cuidado com os familiares, torna-se um dos principais impedimentos para a não conclusão da educação formal, o que faz das trabalhadoras da pesca mulheres com baixo nível de escolaridade.

Ausência de Políticas Públicas

Em nossas análises ficou perceptível que a ausência de implementação de políticas públicas nas comunidades pesquisadas, desencadeia a baixa escolarização das trabalhadoras da pesca. A não continuidade no ensino formal está vinculada à falta de oferta do segundo segmento do ensino fundamental nas escolas das comunidades pesquisadas em tempos anteriores e, em alguns casos, no presente. Outro ponto importante é a falta de oferta de transporte público gratuito para chegar até a escola mais próxima. Isto fica evidente nas falas expostas no Quadro 3.

Quadro 3: Justificativas para a não continuidade na educação formal

Aí tem que ir lá em Tocos... só que lá no Mundéus lá era só até a quarta só... e para vir pra cá a gent não tinha condições... de pegar o ônibus pra vir pra campos (A.F.M, Ponta Grossa dos Fidalgos, CG).
Eu não tinha condições... e condução lá não tinha... ônibus era só uma vez no dia... não tinha ônibus. por exemplo... se você fosse sete horas da manhã para campos só voltava três horas da tarde para l e acabou... não tinha mais horário (A.F.M, Ponta Grossa dos Fidalgos, CG).
Ali não tem.... só vai até a quarta série... hoje tem muita oportunidade né... antigamente tinha qu pagar passagem... hoje graças a Deus as crianças têm a oportunidade de estudar lá fora... estudaram. terminaram né (F.C.R, Mundéus, CG).
Porque não tinha condições de continuar estudando. Morava aqui. Aqui (...) só tinha dois ônibus, ur sete e meia da manhã pra Campos, outro quatro e meia da tarde de Campos para cá. Só isso só. Aí que acontecia, eu adoro estudar, eu adorava estudar, mas aqui concluiu a quarta série. Não tem mais Não tinha mais série! Para estudar em Campos tinha que pagar passagem. Hoje os estudantes nã pagam, mas antigamente pagava. Aí a gente tinha que pagar passagem. Meu pai não tinha condiçã de pagar passagem para a gente estudar. Papai criou os filhos tudo com a pesca. Papai era pescado Criou seis filhos e a dificuldade era muito grande. Era maior que hoje (M.A.C.M, Farol de São Tome CG).
Aqui só dava até a quarta série... aquela coisa de ir pra Campos não dava pra ir, porque aqui de primeira não era asfaltado, isso aqui [...] Era chão... agora que tem muito ônibus... quatro... cinco vezes no dia... aí como que eu ia estudar em Campos? ficar o dia inteiro? Parei na quarta [série]... fiz até a quarta [série] (A.F.M, Lagoa do Campelo, CG).
Aqui só tinha até a quarta [série], como até hoje só tem até a quarta série. Aí tem que estudar em Tocos. Na época tinha que pagar ônibus. A situação toda vida foi difícil. Então eu não quis mais (A.F.M, Lagoa do Campelo, CG).
Porque aqui é muita dificuldade, porque você morar no interior você fazia a quarta série e acabou. Nã tinha como você ir pra cidade pra estudar, mas graças a Deus eu estou fazendo muito diferente cor minha filha. Porque minha filha sempre estudou lá na cidade e hoje ela está fazendo Engenharia já fa dois anos. Falta dois anos para terminar (R.C.F, Lagoa de Cima, CG).
A gente estudava em Folha Larga. Hoje não funciona mais, o colégio Folha Larga tá funcionando aqu perto agora. Aí a gente saía daqui pra Baixa Grande. Tinha dia que tinha ônibus, tinha dia que nã tinha e quando tinha ônibus a gente tinha que descer lá em Azeitona e vir a pé pelos caminho atravessando o rio, atravessando riacho e atravessando várias cercas e correndo risco cor treze/quatorze anos. Eu e a galerinha vinha pelos meios do caminho até chegar em casa.
[Em relação ao reingresso] Muitas vezes eu ia de ônibus, quando não tinha ônibus eu ia com meu filh de moto. Por sinal a gente sofreu dois acidentes há dois anos [...] indo para o colégio no caminho d Açu. Aqui tem uma escola, mas é até a oitava série, que no caso é o nono ano, não é isso? E lá [Barr do Açu] eu estudava no estadual, no Crizanto (A.G.R, Barra do Açu, SJB).

Então, o ensino há 15 anos atrás realmente era bem precário, muito precário. Hoje desenvolveu mais. Então eles [os professores] vêm até aqui de carro, de ônibus e agora tem como dar um ensino melhor para os nossos filhos. Eu não tive essa oportunidade, né? [...] Porque eu parei de estudar eu estava com 16 anos. E eu voltei há três anos, com 30 anos, mas foi bom, foi bom a experiência boa. [...] Eu terminei o meu oitavo ano que é o nono ano hoje (M.B.M., Barra do Açu, SJB).

Quando eu vim para cá eu já me formei no caso. Eu fiz o 2º grau completo no Rio de Janeiro. [...] Mas depois que eu cheguei aqui eu não consegui fazer mais nenhum curso, porque aqui não tem transporte direito pra você ir pra Campos ou pra São João. Pro próprio município daqui a gente não tem. Tem uma van que botaram particular e a gente paga 7 reais para ir para São João. Uma coisa que poderia ter um transporte dentro do próprio município e não tem. Então fica difícil de você querer estudar, fazer um curso, botar uma criança num... para fazer um curso de inglês, uma informática... não tem como e aqui mesmo também não tem. [...] Então fica complicado o pessoal também estudar e a maioria tem que trabalhar, então larga os estudos cedo. Eu quando vim para cá já terminei o 2º grau, mas a gente não quer parar por aí, né? Quer se aprofundar mais em alguma coisa, mas não tem recurso aqui para isso (T.M; Barra do Açu, SJB).

É, da dificuldade, então... aí eu, nós né, se mudamos pra cá [Atafona], eu tinha dois filho, aí aqui eu tive mais dois, mas se eu ficasse lá [Ilha da Convivência] os meus filhos não ia ter estudo, não ia se formar, entendeu? (J.M.P., Atafona, SJB).

Fonte: elaboração das/os autoras/es.

Podemos afirmar que a ausência de políticas públicas nas comunidades pesqueiras impacta no grau de escolarização da população, em geral, e das mulheres em particular, tendo em vista sua articulação com outros fatores, tais como a divisão sexual do trabalho, já mencionada. Neste sentido, cabe aqui explicitar o conceito de Políticas Públicas que embasam as nossas afirmações. Para tanto, buscamos a síntese realizada por Celina Souza (2006) a partir dos principais pressupostos teóricos acerca do conceito de Política Pública, que o define como uma ação governamental que visa promover mudanças a partir de programas e ações que tragam com eficiência, eficácia e efetividade a promoção do bem público. Neste particular, a falta de oferta escolar e de transporte obstam o acesso e/ou a permanência das mulheres na educação formal.

Desestímulos

Os desestímulos enfrentados pelas pescadoras envolvem uma série de fatores, incluindo a necessidade de trabalhar desde muito cedo para sustentar e/ou complementar a renda familiar. Logo, para mulheres, em benefício de suas famílias, quase sempre é mais viável trabalhar para obter o retorno financeiro a curto prazo do que estudar.

Os trabalhos na atividade pesqueira começam muito cedo. Para isso, as mulheres contam com os saberes tradicionais intergeracionais. São saberes que carregam consigo desde meninas, aprendidos com mães, avós, tias, irmãs e outros familiares em seu processo de socialização.

Durante o tempo em que pudemos conhecer a realidade das mulheres da pesca, percebemos que, em alguns casos, a própria escola também não as motiva. Ouvimos relatos de algumas que tiveram dificuldades de aprender o conteúdo, o que impactou no seu processo de ensino-aprendizagem. Além disso, foram por elas apontadas problemas relacionais com os docentes. Desse modo, podemos perceber que a escola, com seus desafios pedagógicos, ainda é distante das realidades locais, desestimulando o ingresso, a permanência ou mesmo um possível retorno à educação formal.

Nogueira (2013), citando a teoria do sociólogo francês Bernard Lahire acerca do sucesso escolar nas camadas populares, atenta para outros aspectos que podem influenciar na vida escolar do indivíduo, relacionados ao contexto familiar como, por exemplo, divórcio, morte, doenças, situações de desemprego etc. A família indiretamente contribui com a escolarização dos filhos, incentivando e ordenando a vida escolar, o que Lahire denomina como "ordem moral doméstica".

> Lahire ressalta que os adultos normalmente transmitem às crianças não apenas informações objetivas sobre o funcionamento e sobre os conteúdos inerentes ao aprendizado escolar, mas também uma interpretação subjetiva e emocional sobre o mundo escolar, baseada, em grande medida, em sua própria experiência como alunos. As experiências de sofrimento, fracasso, humilhação ou, ao contrário, de sucesso e realização pessoal vividas na escola tenderiam a ser repassadas às crianças, mesmo que de maneira involuntária, por meio de práticas e comentários cotidianos relativos, por exemplo, ao nível de dificuldade, de relevância e de prazer associado às diferentes disciplinas, ou ainda sobre o modo de funcionamento da escola e o comportamento dos professores (descritos, por exemplo, como mais ou menos comprometidos, competentes e sensíveis às necessidades das crianças) (NOGUEIRA, 2013, p. 13).

Assim, os relatos a seguir demonstram que a baixa escolaridade das entrevistadas está diretamente vinculada a desestímulos de natureza diversa, embora complementares, isto é, de um lado a escola, de outro a família, ambos desvinculados na promoção do ensino formal (Quadro 4).

Quadro 4: Justificativas para a não continuidade na educação formal

[...] mas ali eu só fiz o supletivo, não aguentei não, minha cabeça não entra, não entra o inglês, o português tá muita coisa diferente, ah... um professor também muito difícil aí eu desisti. Aí eu falei assim "ai, viver do lar mesmo". Ah, quando tem festa eu trabalho de garçonete, é... faço salgadinho também quando tá fraco. E agora tô trabalhando com esse senhor, tomando conta dele." (D.S.C.B.; Barra do Açu, SJB).
Então meu pai tinha uma vida muito complicada né então consequentemente a gente foi sendo prejudicado por isso, ele as vezes era preso e a gente ficava por conta de madrasta e a madrasta não se interessava muito: "quer ir vai, não que não vai". E assim a gente né... estudei acho que até a terceira série na época, mas era aquela terceira série assim um dia você vai e o outro fica em casa. As vezes a gente não tinha o que comer direito e aquilo atrapalhava também no aprendizado. A gente... eu tive muita dificuldade de aprender né, até hoje. *[em relação ao reingresso] Depois de casada eu tentei, mas meu marido era ciumento e que "mulher nessa idade vai estudar pra quê?" Tinha filho pequeno e então exatamente na hora de eu sair para escola ele saia pra rua pra poder não ficar com as crianças (I.R.L., Atafona, SJB).*
Porque eu casei... aí o marido era machista e não deixou eu trabalhar e nem estudar mais, entendeu? (S.M.D.F, Farol de São Tomé, CG).
Meu marido não deixa... (A.R.D.S, Farol de São Tomé, CG).
Olha, quando eu era solteira me botaram no colégio, mas não consegui aprender nada (M.D.G., Farol de São Tomé, CG).
Meus pais nunca me colocou para estudar, não (M. de J.P; Barra do Açu, SJB).
Antigamente ninguém estudava, não. Meus pais não tinham condições de colocar ninguém nos estudos. Antigamente, 50 anos atrás, [...] só pegando na enxada, limpando cana, pescando (E.B.S.P.C, Farol de São Tomé, CG).
Não [estudei], mas eu acho por eu não ter tido oportunidade ou incentivo, porque faz muita falta... faz muita falta o estudo (Z.B.S.M, Imbé, CG).
Até a quarta série só... minha mãe não deixava... eu tinha muita vontade de estudar... eu cuidava dos meus irmãos para minha mãe começar a trabalhar para ajudar meu pai... foram quinze irmãos (V.A, Parque Prazeres, CG).

Fonte: elaboração das/os autoras/es.

Neste sentido, pais, professores e maridos aparecem nos relatos como agentes de desencorajamento. No entanto, embora distantes do ensino formal, as mulheres o valorizam. Isso ficou evidente na relação observada delas com seus filhos e filhas, dada a importância atribuída à formação escolar.

CONCLUSÃO

Diante do que foi por nós vivenciado durante o trabalho de campo e apresentado neste artigo, é possível concluir que as mulheres da pesca enfrentam dificuldades em vários aspectos da vida, principalmente no campo escolar, que estão relacionadas à divisão sexual do trabalho, à ausência de políticas públicas e ao desestímulo. Logo, foi possível perceber que a educação formal para elas finda-se na lida desde a infância, no trabalho doméstico que não cessa, na escola que não acolhe, no ônibus que não chega, na família que não estimula, no marido ciumento que não deixa e no cuidado constante com os filhos e parentes. A baixa escolarização parece impactar, ainda, na persecução de direitos frente às instituições públicas, tais como o defeso e a previdência.

Apesar dos desafios que se instauraram na trajetória escolar dessas mulheres, elas reconhecem a importância do ingresso na educação formal, como forma de alcançar melhores condições de vida. Sendo assim, estimulam o acesso e permanência dos filhos na escola. Se o conhecimento não é necessariamente tributário do ensino formal, verificamos nos lamentos relatados em torno do passado a sabedoria de que a educação é uma forma de transcender as próprias dificuldades que a vida se lhas apresenta.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, C. A. G.; MAIA, L. P. Perfil socioeconômico dos pescadores brasileiros. **Arq. Ciên. Mar**, Fortaleza 44, 3, 12–19, 2011. Disponível em: http://www.periodicos.ufc.br/arquivosdecienciadomar/article/view/149. Acesso em: 03 de julho de 2019.

ALENCAR, E. F. Gênero e trabalho nas sociedades pesqueiras. In: FURTADO, L. .; LEITÃO, W.; FIÚZA DE MELO, A (org.). **Povos das águas**: realidades e perspectivas na Amazônia. Belém: MPEG, 1993. p. 63-81. Disponível em:file:///D:/m/UENF/IC/Projeto%20de%20pesquisa%20ic/Monografia/POVOS%20DAS%20AGUAS%201993%20ALENCAR.pdf. Acesso em: 10 de setembro de 2019.

ALTOÉ, A. P. **O Estado e a Cidadania Feminina**: Vozes Das Mulheres Mil. 2017. 232 f. Tese (Doutorado em Sociologia Política), Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Campos dos Goytacazes, 2017. Disponível em: http://uenf.br/posgraduacao/sociologiapolitica/wpcontent/uploads/sites/9/2013/03/Tese.Andre-Alto%C3%A9.pdf. Acesso em: 19 de maio de 2018.

ALVES, J. E. D. Desafios da equidade de gênero no século XXI. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 24, n. 2, 292, p. 631, 2016. Disponível em: http://dx.doi.org/10.1590/1805-9584-2016v24n2p629. Acesso em: 08 de março de 2018.

FARIA, L. A face feminina da escola: memórias e canções dos/nos anos 1960. Introdução. In: FARIA, L.; LOBO, Y. L.; COELHO, P. **Histórias de Vida, Gênero e Educação**. 1.ed. Curitiba, PR: CRV, 2014. p. 21-39.

LEITÃO, M. R. F. A.; LIMA, A. S.; FURTADO, G. S. Mulheres Pescadoras: A Construção da Resistência em Itapissuma. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, XXXII, **Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Curitiba, PR – p. 10-12, 2009. Disponível em: http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-1668-2.pdf. Acesso em: 03 de agosto de 2017.

LEMOS, S. F. C. **Pescadô num qué ir pra essa escola, não**! Representações sociais dos pescadores de Atafona. 1. Ed, Curitiba: Appris. p. 27-28, 2016.

LIMA, C. M.; LEITÃO, LEITÃO, M. R. F. A. O Papel das Pescadoras de Brasília Teimosa na Preservação Ambiental. In: **Encontro da Rede de Estudos Rurais, Desenvolvimento, Ruralidades e Ambientalização**: paradigmas e atores em conflito, GT 8 - Formas de participação de pescadores artesanais na gestão ambiental: potencialidades e limites, Belém, 2012.

LOPES, M. S.; SOUZA, S. R.; MARTÍNEZ, S. A.. EDUCAÇÃO E PESCA: análise do nível de escolarização de homens e mulheres inseridos na atividade pesqueira em municípios do norte fluminense e baixadas litorâneas. In: **X Congresso Fluminense de Iniciação Cientifica**, Campos dos Goytacazes, UENF, 2018. Disponível em:

https://www.mulheresnapesca.uenf.br/outras/Resumo_Mariana.pdf. Acesso em 10 de julho.

MARQUES, J. B. V.; FREITAS, D. de. Fatores de caracterização da educação não formal: uma revisão da literatura. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 43, n. 4, out./dez., 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/ep/v43n4/1517-9702-ep-S1517-9702201701151678.pdf. Acesso em: 19 de junho de 2018.

NOGUEIRA, C. M. M. A abordagem de Bernard Lahire e suas contribuições para a sociologia da educação. In: **36ª Reunião Nacional da ANPEd**, 29 de setembro a 02 de outubro de 2013, Goiânia-GO1. Disponível em: http://36reuniao.anped.org.br/pdfs_sessoes_especiais/se_08_claudionogueira.pdf. Acesso em: 10 de junho de 2019.

RIFFEL, S. M.; MALACARNE, V. Evasão escolar no Ensino Médio: o caso do Colégio Estadual Santo Agostinho no município de Palotina, PR. In: BERGMANN, S. R.; FRANÇA, V. F.; SANTOS, W. T. (Org.). **O professor PDE e os desafios da escola pública paranaense**, 2008. 1ed.Curitiba: SEED, 2011, v. 1, p. 01-24. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1996-8.pdf. Acessado em 10 de setembro de 2019.

SCOTT, J. **Gênero**: uma categoria útil para análise histórica. Gender and the politics of history. New York, Columbia University Press. p. 7, 1989. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf. Acesso em: 12 de setembro de 2017.

SILVA, C. A. **Política Pública e território**: passado e presente da efetivação de direitos dos pescadores artesanais no Brasil. Ed. Consequências: Rio De Janeiro, 2015. 115 p.

SILVA, L. S. **A economia pesqueira artesanal no município de Salvador-BA**: da organização produtiva a comercialização nas colônias de pescadores. 2013. 101 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Economia, Salvador, 2013. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/16344. Acesso em: 9 de setembro de 2019.

WOORTMANN, E. F. **Da Complementaridade à Dependência**: espaço, tempo e gênero em comunidades "pesqueiras" do Nordeste. Revista Brasileira de Ciências Sociais, n. 18, 1992. p. 1-31.